

A DESAUTOMATIZAÇÃO DO ESTEREÓTIPO EM GRACILIANO RAMOS E CARLOS DE OLIVEIRA

Benjamin Abdala Junior

As condutas estereotipadas das personagens nos romances de Graciliano Ramos e Carlos de Oliveira cristalizam-se lingüísticamente, no plano da escrita, no lugar-comum, no clichê ou na forma mais valorizada da prática social alienada, os provérbios. Tal como nas formas literárias convencionais, também o estereótipo será utilizado de forma similar pelos dois ficcionistas, para eficazes procedimentos estilísticos.

Encontramos, nessas situações, em termos de comunicação, um verdadeiro ruído, rumor, que é o significado de *phatis* em grego. O etnólogo Malinóvski designava como fáticas as formas rituais que serviam para estabelecer contato entre os membros de tribos primitivas, com valor comunicativo, mas com informação tendente a zero. Por extensão, tende ao nível fático a conduta lingüística estereotipada, previsível em face de determinados estímulos. Trata-se de uma resposta ideológica automática e, como tal, advém de uma falsa consciência do sujeito emissor.

Os provérbios, nessa perspectiva, surgem quando estão em jogo valorizações relacionadas com a atividade das personagens. Não temos neles apenas uma forma petrificada, mas acréscimos emotivos, valorativos, que visam a impressionar o destinatário, pela mística de objetividade, ganhando sua atenção.

Vamos, então, verificar a fala de uma personagem de Carlos de Oliveira, D. Violante (*Uma Abelha na Chuva*), que se expressa através de adágios. A personagem, amante do padre Abel, passa-se por sua “irmã”, sendo caracterizada como um “adagiário vivo” (p. 53), ironicamente, pelo narrador (a ironia aqui é um processo de desmistificação do comportamento alienado):

“Quando Deus queria do norte chovia” (p. 53)

“Quando Deus quer, até os cegos vêem” (p. 53)

“Se as orações dos cães chegassem ao céu choviam ossos”. (p. 55)

“Noiva serôdia, nem miolo nem côdea” (p. 56)

O Dr. Neto, personagem do mesmo romance, vai caracterizar a alienação dessa personagem, através da distorção referencial, quando a vê de bochechas inchadas, “como se tivesse a boca cheia de ar” (p. 179) O Capítulo VIII dessa narrativa desenvolve-se com alta frequência de formas estereotipadas, não apenas na perspectiva de D. Violante, mas também na de padre Abel, quando a ela se dirige (“não julgueis segundo as aparências”, p. 55) No desenvolvimento alegórico convencional do sacerdote como pastor (p. 56), quando se insurge contra a atitude da amante, temos igualmente formas estereotipadas, como também ao restabelecer, no final do capítulo, faticamente, a comunicação, através de um provérbio (“boda e mortalha, no céu se talha”, p. 57)

Situação estilística semelhante, com grande frequência de provérbios, encontramos no capítulo XXIX de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Paulo Honório, narrador-protagonista, tendo por base a falsa objetividade dos provérbios, num acesso de ciúmes, procura caracterizar a pretensa infidelidade de Madalena:

“Padre Silvestre passou por São Bernardo — e eu fiquei de orelhas em pé, desconfiado. Deus me perdoe, desconfiei. Cavalos amarrados também comem. A infelicidade deu um pulo medonho: notei que Madalena namorava os caboclos da lavoura. Os caboclos, sim senhor.

As vezes o bom senso me puxava as orelhas:

— “Baixa o fogo, sendeiro. Isso não tem pé nem cabeça”
(pp. 135-136)

Os processos enunciativos do narrador-protagonista apóiam-se organicamente, na escrita, nos clichês ou provérbios populares, pseudoverdades codificadas e que definem pela falsa consciência pragmática o sentido da ação. Não há lógica reflexiva, mas adesão a um comportamento ritual. A mudança de conduta no final do segmento — exemplo, o sentido de ponderação, faz-se também pelos estímulos ideológicos da cultura. Seu procedimento, como todo o sistema de valores que o sustenta, é estereotipado e nada tem de objetivo: é apriorístico como as estruturas lingüísticas que utiliza. Temos então uma ideologia fundada em estereótipos, forma correlativa à de fazendeiro reificado.

A orientação de objetividade da escrita faz com que eles sejam desmistificados, como o serão pela própria personagem Paulo Honório, que se conscientizará da situação alienada. O procedimento da escrita é assim destrutivo, porque desacredita as formas estereotipadas; mais se estas não forem apenas das personagens, mas também do lei-

tor. Assim, a identificação por contato, no processo de leitura, propiciará uma ruptura estilística eficaz, quando da desmistificação da objetividade das formas estereotipadas. Da mesma forma, outro narrador-protagonista de Graciliano Ramos, Luís da Silva (*Angústia*), desacreditará um dito ideológico:

“Bem-aventurados os que têm sede de justiça. Esta coisa repetida, dava-me fúrias de cachorro doido. Para que agarrar-me a sombras? Um juiz de direito bocejando, fatigado; o promotor declamando a acusação e afastando-se dos autos, que não tinha lido; o advogado, que poderia ser Julião Tavares, soluçando a defesa, e apelando para os sentimentos religiosos dos jurados; oito sujeitos cochilando, chateados e comprometidos a absolver ou condenar a ré”. (p. 189)

A impossibilidade da justiça divina e da sociedade é indicada na escrita, pela contradição do estereótipo com a impunidade de D. Albertina, Julião Tavares e Marina, contraste reforçado pela ironia da situação. Os provérbios de origem religiosa são igualmente muito frequentes em Carlos de Oliveira e em suas produções, como nas de Graciliano Ramos, encontramos procedimentos eficazes para ganhar a atenção de um leitor impregnado de religiosidade:

“O delegado perde. Perde e perderá. Deus ainda escreve direito por linhas tortas” (*Pequenos Burgueses*, p. 67)

O tema-arquétipo da “justiça divina” é evocado por Marciano, no interior da personagem. É um procedimento mimético de realismo psicológico. Por outro lado, os clichês possibilitam um contato com o leitor, que pode compartilhar do mesmo sistema de valores das personagens, sendo questionada a sua ideologia quando o clichê é desmistificado ao curso da escrita.

Os clichês miméticos, de responsabilidade exclusiva das personagens, aparecem em suas perspectivas; quando o sujeito da enunciação os incorpora, o fará criticamente. A escrita, ao incorporar essas fórmulas-clichês, sintetiza economicamente os valores ideológicos que vai questionar, como neste caso, onde representa o condicionamento da vida de Álvaro Silvestre (*Uma Abelha na Chuva*):

“... pois a miséria é isto, seguir por um caminho escalavrado, de terra em terra, de porta em porta, a roer a côdea das esmolos, mais dura do que um chifre, a dormir por amor de Deus nos palheiros do gado, quando não se fica ao léu, pelos atalhos” (p. 117)

A acumulação traz-nos o sistema de condicionamentos da educação da personagem, a definir o seu caráter. Os valores ideológicos são assimilados por frases feitas e têm sua eficácia na receptividade estereotipada, acrítica, de Álvaro Silvestre, que agora ritualmente os repete. Mas seu comportamento será questionado pelo processo de enuncia-

ção, que o situa num plano de tensão, em face das situações vivenciais adversas. E o leitor, também aqui, na medida em que seu sistema de expectativas possuir as características do de Álvaro Silvestre, irá se identificar acriticamente, por simples contato, com a escrita estereotipada. Então, no desmistificação do estereótipo, podemos ter, para si, um processo de desautomatização, que pode levá-lo à conscientização.

O clichê atualizado na própria escrita (quando “dormir por amor de Deus” é associado a “palheiros de gado”) não destrói o teor evocativo do clichê, presente na memória do leitor, pelo contraste. Dessa forma, a atualização é imprevisível em relação ao previsível da forma estereotipada. Esse processo estilístico de atualização do clichê acaba por desintegrar a forma estereotipada, sem perdê-la como referência, justamente para melhor opor-se a ela. Assim, quando o público-leitor pede originalidade, como acontece em nossos dias, esta virá sem a ilusão de que a sociedade pressuponha passivamente tal abertura, sem a participação efetiva e paulatina do sujeito.

A escrita de Graciliano Ramos e de Carlos de Oliveira quando questiona o estereótipo, por extensão, o faz simultaneamente em relação à ideologia alienada que o motiva. O processo de destruição desses valores petrificados é igualmente ideológico, só que procura apoiar-se num sistema de valores reconhecido, científico, dinâmico, e que se afirma através da práxis do sujeito da enunciação. Para tanto, as formas convencionais, o lugar-comum, os clichês de toda sorte que aparecem na escrita, propiciam um contato com o leitor, a partir do qual a escrita mina as suas bases. Temos uma prática de fustigamento das formas estereotipadas, sem entretanto as perder de vista, para que o processo comunicacional se efetive plenamente.

O direcionamento fático da mensagem, como se depreende, sofreu na prosa de ficção desses escritores, marcada elaboração estética, ultrapassando a simples reprodução fotográfica da realidade. Mais do que isso, a faticidade da mensagem é fator de grande operacionalidade da inflexão ideológica, que fundamenta a codificação estilística do texto. Ao mesmo tempo, os ficcionistas revelam o conhecimento de que os indivíduos são conformados dentro de uma situação cultural que lhes fornece correlativamente uma linguagem tão estática quanto os padrões culturais que pretendem ativar.

Os automatismos dessa sociedade, cristalizados em formas estereotipadas, funcionam, nessa perspectiva, como veículo de seu próprio processo de superação, pela eficaz codificação estilística da escrita. Por outro lado, permanecendo o contato, a escrita, em seu desenvolvimento progressivo, apresenta uma ideologia mais atrativa do sujeito da enunciação, enquanto destrói a alienada.

Sua atitude, não obstante, é ideológica e procura, além disso, situar-se como científica: se a primeira (a alienada) é meramente ideológica, nesta última só a práxis do sujeito da enunciação poderá discernir dinamicamente as correlações que se estabelecem entre ciência e ideologia. As relações entre esses dois aspectos são estreitas na escrita de Graciliano Ramos e de Carlos de Oliveira, pelos procedimentos estéticos que procuram criar um texto, homologamente, tão concreto e dinâmico como a própria realidade que querem representar.